

ENTREVISTA





DESAFIOS E PROPOSIÇÕES: OS OLHARES DE PROFESSORES DE PROFESSORES

Mirian Celeste Martins

Uma provocação:

"Entre os inúmeros desafios que você tem vivido como docente que trabalha com a Arte no curso de Pedagogia, qual deles você considera seu maior desafio? E nos conte uma proposição que você tenha realizado e que tenha provocado bons resultados".

Pergunta-gatilho para despertar ângulos diversos. É um convite para trazer uma proposição que tenha sido interessante. Assim, alguns professores de Arte que têm atuado na formação inicial e continuada de professores voltados à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental alimentam o olhar de cada leitor de modo a impulsioná-lo a problematizar a realidade docente e a potência da arte na direção de uma educação mais humana e poética.



Iveta Maria Borges Ávila Fernandes (São Paulo/SP): Prof^ª. Dr^ª. do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

O maior desafio é ter sempre presente o essencial ao nosso "ser professor". Para mim é um todo simples/complexo, que traz em si conhecimento e vínculo com o grupo/classe, envolver-se com a proposta e com o grupo, acreditando realmente nas possibilidades de ambos. Mas esse todo necessita do saber específico a ser trabalhado, que se adquire pelo estudo, pela pesquisa, pelas artes de fazer no dia a dia e pela invenção do cotidiano, como escreve Michel Certeau (1998). Qual o maior desafio? Penso ser, realmente, o de ser um professor.

E viver esse papel foi experimentado também em aulas no curso de Pedagogia e aqui conto uma delas. Ao chegar, não entendi o que estava acontecendo. A sala era grande e havia muita gente: pais, mães, amigos, amigas, uma ou outra criança... As carteiras todas mais ou menos enfileiradas, dirigidas para o que se configurou enquanto "palco de apresentações". O que havíamos combinado? Simplesmente apresentações de trabalhos grupais com criações/interpretações de produções sonoras não convencionais, junto ao que elas conheciam tão bem: contos e fábulas.

Como chegamos até esse "momento do espanto"? O que havia nos caminhos anteriores pelos quais tínhamos passado? Paisagens sonoras, ecologia acústica de Schafer (2013); *cotidífonos* de Judith Akoschky (1996) com a riqueza de seu livro e CD, repleto de fotos mostrando invenções/criações com objetos do cotidiano para produzir sons, junto à audição de várias composições do CD; pesquisas, experimentos e criações sonoras a partir de material bruto a ser lapidado. A proposta feita era escolher uma fábula ou pequeno conto junto a uma produção sonora grupal com sonorização, criação de trilhas sonoras, podendo utilizar fantoches, teatro de sombras, programa de rádio.

Não era algo tão simples, mas foram desencadeadores das criações grupais a que assistimos no decorrer de três dias de aulas. As pequenas fábulas ou contos, tão conhecidos e utilizados por elas em suas aulas; as vivências, os lanches, o conhecimento compartilhado, os experimentos em vários dos finais de semana nas casas das integrantes dos grupos, e tantos temperos a mais que cada uma trazia de suas vidas. "Momentos de espanto" foram as produções que os grupos trouxeram, o novo público presente nas aulas, o envolvimento ímpar de todos. O que aconteceu?

Como escreve Chico dos Bonecos: "Muitas coisas, poucas palavras"! (MARQUES, 2009).



Magali Kleber (Curitiba/PR): Prof^ª. Dr^ª. da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

O maior desafio é proporcionar experiências consistentes teórico-práticas, embasadas nas bases epistemológicas, mas de forma vivencial e, sobretudo, compartilhadas com o que se apresenta no cotidiano escolar. Trazer esse contexto para um curso de formação é uma forma de valorizar esse trabalho que ainda é distante das universidades, considerando que os cursos de licenciaturas têm um vínculo fraco com a complexidade escolar nas suas mais diversas dimensões: gestão, políticas, ética – conflitos que trazem fragmentos do entorno escolar –, processos de ensino e aprendizagem vinculados a um conceito de currículo.

Minha experiência com a escola revela que ainda temos um *gap* entre as instituições, muito melhorado com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Os estágios curriculares são como uma estaca que entra na escola pela vertical, naquele momento para se cumprir uma carga horário, mas não estabelece dutos com a escola, como um universo. E, infelizmente, temos um envolvimento baixo dos supervisores que muitas vezes estão sobrecarregados, pois o corpo docente das licenciaturas entende que somente essa pequena subárea é responsável por essa formação que tem dois polos igualmente importantes: o próprio curso na sua integridade, como projeto político-pedagógico voltado para formação docente, e a escola, que deveria encontrar nas universidades um ponto de apoio na formação continuada, nas suas

lutas e seus projetos. Ainda há vácuos fundamentais a serem preenchidos para se pensar que as licenciaturas formam professores para a educação básica.



Susana Rangel Vieira da Cunha (Porto Alegre/RS): Prof^a. Dr^a. da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Maior desafio: fazer que as alunas acreditem que elas possam desenvolver suas próprias linguagens visuais/plásticas/poéticas e que também possam proporcionar isso às crianças. Em pesquisas que desenvolvi com alunas e/ou professoras de educação infantil e em muitos outros artigos e livros publicados (CUNHA, 2005, 2006), há evidências de que as vivências delas no ensino de Arte, anterior ao ingresso na Pedagogia, foram baseadas em modelos ultrapassados, como o diretivismo técnico (saber fazer) e o *laissez-faire*. E são esses dois modelos que elas julgam ser os melhores para suas atuações como professoras. Então, o grande desafio é desconstruí-los, não só com discussões teóricas, mas incentivando-as a explorar diferentes materiais para buscar seus modos expressivos e singulares na linguagem visual e assim repensar propostas em artes para crianças.

Ao elaborar meus planejamentos e ações pedagógicas em minha disciplina Arte na educação infantil, tinha essas perguntas como guia: Como se pode formar futuras professoras de educação infantil no campo das artes visuais? Como qualificá-las para ações pedagógicas em arte mais conscientes, significativas e prazerosas, tanto para elas próprias quanto para as crianças? Como romper os estereótipos do ensino de arte vivenciado pelas alunas em suas escolarizações? Como transformar as atividades de artes em momentos de conhecimento da linguagem gráfico-plástica e não em um momento do *deixar fazer por fazer*? Como criar situações pedagógicas em que as alunas pudessem elaborar outros saberes sobre arte e ensino de arte? Para responder às minhas perguntas, ações pedagógicas eram criadas e recriadas a cada semestre nos 16 anos em que atuei na disciplina.

Foram muitas proposições que criei, entre elas, *as histórias de vida* das alunas (depoimentos autobiográficos enfocando as experiências familiares e escolares no campo da arte) e *vivências expressivas*. Os depoimentos tinham como finalidade o entendimento das alunas sobre seus processos educativos no campo da arte, uma vez que elas se viam como "naturalmente incapazes" para apropriar-se da linguagem visual. Ao se verem dentro de uma história educacional ora tecnicista, ora essencialista, elas percebiam que a "incapacidade para as artes" era consequência dos modos como elas haviam sido "ensinadas", e não uma deficiência "nata".

Paralelamente às histórias de vida, iniciei um trabalho que também buscava trazer à tona fragmentos da história expressiva das alunas, a fim de que elas compreendessem como esses processos foram se configurando. A primeira grande barreira a romper era a ideia do "não sei

desenhar" que a maioria verbalizava antes de iniciarmos os trabalhos de *resgate da linguagem gráfico-plástica*. Para entender as concepções de arte das alunas, criei, inspirada em Malraux, uma espécie de Museu do Imaginário. Nessa proposta, as alunas traziam objetos *considerados artísticos por elas* para que discutíssemos sobre os critérios que direcionavam nossas escolhas. O acervo do nosso "museu" possibilitou pensarmos concretamente em cima dos objetos, das suas formas, história, materialidade, técnicas construtivas e os significados e valores que nós e os outros atribuímos a eles. De certo modo, manusear os objetos, vê-los, compará-los, colocá-los lado a lado fez que as alunas reformulassem suas concepções iniciais sobre arte de um modo mais aguçado e sensível do que aquelas realizadas no campo teórico. Muitas vezes, as descobertas vivenciadas no "fazer expressivo" e/ou nas discussões de fundo teórico eram estendidas para outras situações e áreas do conhecimento. As formas de pensar a arte e seu ensino possibilitavam uma "abertura" para a compreensão de saberes mais amplos no campo pedagógico.



Francione Oliveira Carvalho (São Paulo/SP): Prof. Dr. do Centro Universitário Estácio UniRadial/SP e pesquisador do Diversitas/Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo (USP).

A maior parte dos egressos do curso de Pedagogia realizaram sua formação em faculdades e centros universitários privados, em condições muito diferentes das encontradas no ensino público. Voltadas para o mercado financeiro, sem investimento em pesquisa e em extensão, a maioria das instituições privadas acabam precarizando o trabalho docente e oferecendo uma estrutura muito aquém da necessária para a plena formação dos discentes. Assim, o perfil dos alunos e das próprias instituições exige estratégias diferenciadas dos profissionais que atuam na formação docente. Nas turmas de Pedagogia com que atuo, mais de 60% das alunas e alunos se inserem numa faixa etária acima da encontrada na universidade pública, chefiam suas famílias e já atuam em creches e escolas de ensino infantil. A grande maioria possui experiências empobrecidas com a arte e repertório estético centralizado na cultura de massa e na arte modernista brasileira.

Ampliar os territórios da arte e da cultura faz parte do meu trabalho inicial, mas para isso é necessário discutir anteriormente a própria cultura escolar: O que é educação? Do que é feita uma boa escola? Do que é feito um bom professor? O que se aprende fora da escola também é conhecimento? O que a arte pode motivar na educação e em mim?

Para conversar sobre essas questões, proponho trajetos pela cidade. Já realizei caminhadas pelos bairros de Santo Amaro e Interlagos, mas o trajeto preferido pelos alunos é o da Avenida Paulista. Numa manhã de sábado, com um roteiro previamente delineado que contempla toda a extensão da avenida, visitamos espaços culturais, exposições, observamos a

cultura visual, as diferentes arquiteturas, os artistas de rua e sentamos para observar o movimento das pessoas.

Na sala de aula, partilhamos as experiências e as sensações provocadas pelo trajeto percorrido, e, a partir daí, cada aluno cria um pequeno projeto/percurso educativo, a ser oferecido para uma turma escolar de educação infantil, ensino fundamental ou Educação de Jovens e Adultos (EJA), que contempla um pouco da experiência vivida. Com base nas escolhas dos alunos, são indicados textos, vídeos e obras que podem potencializar os projetos pensados. Na última edição dessa experiência, surgiram propostas sobre *performances* no espaço público (*slow motion*), patrimônio cultural, arte imaterial e arte urbana.

Mesmo com o semestre encerrado, sempre chegam a mim depoimentos de alunos que levaram a experiência e os projetos criados para as escolas em que atuam. Acompanhar e documentar esse processo é algo a ser incluído no projeto, pois acredito que poderá render boas conversas e descobertas.



Jurema Luzia de Freitas Sampaio (Campinas/SP): Prof^ª. Dr^ª. da Faculdade Metrocamp/Campinas, consultora educacional e editora da *Revista Digital Art&*.

O maior desafio sempre foi, sem dúvida, conseguir a percepção dos alunos de Pedagogia para o que é o ensino de arte. Grande parte deles vem com ideias "congeladas" do que seja ensino de arte, e mesmo arte. Ou querem "receitas".. Os melhores resultados que tive foram sempre relacionados a preparar e dar minhas aulas como "exemplo" do que esperava que viessem a fazer. Sempre trabalhei com a triangular e, assim, busco destacar, e explicitar, cada momento dela durante as aulas. Buscando ir além da teoria, ou seja, aplicando-a na prática como professora. Mesmo assim, em algumas ocasiões não funcionou. O que reforça minha ideia do que seja o maior desafio: quebrar os "pré-conceitos".



Alessandra Ancona de Faria – Lelê (Jundiaí/SP): Prof^ª. Dr^ª. e formadora de professores no Instituto Avisa Lá (IAL).

O trabalho como professora de Arte dentro do curso de Pedagogia gera para mim duas questões centrais e ambas se mostram recheadas de desafios. Uma delas é possibilitar aos futuros pedagogos a vivência da arte, a experiência da criação, sem a qual fica muito difícil a compreensão de que é necessário abrir esse mesmo espaço para seus futuros alunos. Nas condições de trabalho dentro do curso de Pedagogia, dificilmente há recursos físicos e materiais, além de tempo, para realizar propostas que permitam uma

vivência criativa. A segunda questão se refere a poder refletir sobre como ensinar, em tão poucas horas, as quatro linguagens artísticas para crianças de zero a 11 anos e adultos da EJA. Como trabalhar com os aspectos essenciais do desenvolvimento infantil, nas suas traduções em cada uma das linguagens, sem permanecer na superficialidade, com um grupo de pessoas que, em sua maioria, não passou por experiências expressivas e não domina os conceitos específicos de nenhuma dessas áreas de conhecimento? Não há dúvida de que, ao assumir essa disciplina, temos o desafio de fazer escolhas que possam garantir que os futuros pedagogos vão buscar a presença da arte em suas salas de aula.

Com relação à segunda parte da pergunta, trabalhei em uma disciplina que unia a arte com o uso de tecnologias. Um dos aspectos explorados era o olhar para a realidade como um turista, buscando ver quais elementos do nosso cotidiano que não víamos mais, dentro da banalização do espaço e das relações. Solicitei que as alunas pensassem uma atividade para desenvolver com os alunos que envolvesse o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Uma dessas alunas, que já era professora, aproveitou a proposta e uniu com uma outra da Secretaria da Educação que comemorava os 450 anos de São Paulo com poesias nas quais os alunos falavam do bairro no qual a escola estava. Essa professora, Irene Rodenas Marassi, criou o projeto "Meu bairro, cada problema é um *flash!*". Foi um projeto no qual as crianças puderam olhar para o bairro, fazer registros fotográficos de problemas identificados e escrever para um representante solicitando melhorias nas condições de vida. Não tenho dúvida de que essa professora soube ampliar e transformar uma proposta que para muitos ficou pequena, assim como não tenho dúvida de que o contato com a arte é potencializador de transformações. Como professora, há momentos nos quais conseguimos possibilitar essa transformação, ajudar para que ela ocorra, abrir uma janela sobre a qual alguns alunos se debruçam, outros olham de longe e alguns pulam e ganham mundo. É uma delícia fazer parte desses saltos, ver que uma escolha deu certo, em meio a tantos desafios.



Daniel Bruno Momoli (Pato Branco/PR): Prof. Me. da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp) e da Faculdade Senac.

Um dos desafios mais recorrentes é a constante justificativa do "por que arte" nos cursos de Pedagogia. Passadas as tantas vezes em que é necessário explicar sobre a dimensão da formação do pedagogo e a contribuição da arte nessa tarefa, a maior dificuldade é a apropriação de conceitos em torno da arte e seu ensino, para que não sejam as aulas apenas espaços para a transmissão de saberes engessados e esterilizados sobre "cores", "artistas e suas histórias de vida", "história da arte" e as "metodologias". Para isso, o uso do portfólio no processo avaliativo dos futuros docentes vem se mostrando uma forma de permitir que os alunos percebam as possibilidades da arte em um processo

educativo, principalmente a partir das visualizações das produções registradas ao longo das vivências nas aulas. O registro desse processo permite que os alunos compreendam que arte é uma produção que se amplia a partir das experiências que são propostas em aula e que permitem o desenvolvimento dos sentidos, ainda mais quando articuladas com as artes visuais contemporâneas, que desafiam os modos de ver dos futuros docentes por alargarem os horizontes do que pode ser considerado arte e das formas de produção e compreensão das produções artísticas na atualidade.



Maria Paula V. Zurawski (São Paulo/SP): Prof^a. Me. do Instituto Vera Cruz/SP.

A disciplina que ministrou no curso de Pedagogia se chama "Didática da Educação Corporal para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental". Ocupa apenas um semestre de um curso de três anos, localizando-se no 4º semestre. Os alunos participam de atividades que tenham o *movimento* como foco e que lhes permitam, ao final do curso, enriquecer o repertório expressivo corporal das crianças, mas também considerar a importância do corpo do professor como veículo expressivo, que necessita ser visto, experienciado e cuidado, e ter um conjunto de atividades que possa ser desenvolvido com as crianças na escola. Porém, as atividades devem ser vistas não apenas como recreativas ou ocasionais, mas contextualizadas junto aos outros âmbitos de experiências das crianças.

A disciplina contempla, ainda que brevemente, fundamentos de duas artes cênicas que têm no corpo e no movimento, embora de formas diferentes, seu instrumento: a dança e o teatro. Ao longo do semestre, refletimos sobre a natureza dessas duas artes, suas bases conceituais, sobre sua presença nos currículos escolares, tendo os alunos tanto como "fazedores" de dança e de teatro como fruidores dessas artes. Diante de tudo isso, o maior desafio tem sido prolongar a experiência com a expressão corporal, com o movimento e com o teatro para além das aulas. Criar demandas para que a dança, o teatro, a expressão do corpo – ou mesmo a atenção a ele, o cuidado com ele – possam se tornar experiências permanentes na vida do professor.

Com relação a uma proposição que tenha provocado bons resultados, não há mistério: ir com os alunos ao teatro e depois tomar um lanche, ou jantar, discutindo a peça, é uma experiência estética que os afeta muito. Não é apenas a fruição do espetáculo, mas o tempo depois dele, num lugar agradável, onde se possa parar e conversar. A fruição se prolonga; assistir a um espetáculo cênico demanda um tempo diferente. Meus alunos, mesmo depois de terem "acabado" a minha "matéria", nos semestres seguintes, me perguntam quando podemos repetir a dose. Eu gostaria que eles pudessem repeti-la sempre, sempre, sempre...



Cecília Rodrigues Mendes (São Paulo/SP): Professora coordenadora do Núcleo Pedagógico/Arte da Diretoria de Ensino Leste 5.

Indicar o maior desafio quando se pensa em arte no curso de Pedagogia, ou ainda no seu ensino na educação básica, não é tarefa fácil, visto que são inúmeras as situações desafiadoras quando se lança um olhar para o fazer pedagógico no ensino dessa disciplina. Tendo em vista a sabida fragilidade na formação do pedagogo na área de Arte ou mesmo do professor especialista licenciado em uma das quatro linguagens artísticas (teatro, música, dança e artes visuais), acredito que a formação continuada e a conscientização de todos os sujeitos da escola sobre a importância da arte dentro do processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento integral dos educandos sejam os maiores obstáculos a serem enfrentados, para que as experiências dentro dessa área do conhecimento sejam efetivamente significativas. Vale lembrar que essa conscientização, amiúde, precisa ser promovida pelo próprio professor, que, saindo da condição de responsável pelas comemorações das efemérides e festas da escola, utilize o espaço das suas aulas para a mediação da construção do conhecimento nas linguagens artísticas. Dessa forma, é preciso desconstruir o pensamento de que arte não tem a mesma importância das demais disciplinas, lembrando o que está dito nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): "Arte é área de conhecimento", é "componente curricular obrigatório"; portanto, não pode ser relegada a segundo plano. Para tanto e para tal se faz necessário que esse professor se aproprie dos conhecimentos sobre a legislação e o currículo de Arte e aprimore sua prática pedagógica, para que, atuando de maneira interdisciplinar, contribua para o desenvolvimento de cidadãos políticos, éticos e estéticos.

Com o objetivo de otimizar as práticas interdisciplinares no ensino de Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, nas Oficinas Curriculares das Escolas de Tempo Integral dos anos iniciais (1º ao 5º ano), foi formatada uma orientação técnica para o grupo de professores de cada componente curricular. O fio condutor dessa "amarração" foi a disciplina de Arte, com vistas a promover a conscientização sobre a importância dessa área de conhecimento e suas infinitas possibilidades dentro da interdisciplinaridade.

A partir de uma história, que serviu de leitura inicial para todos os grupos, foram desenvolvidas sequências didáticas em que o jogo dramático, a música, a dança e as artes visuais estiveram presentes, não só como elemento lúdico, tão necessário a essa faixa etária, mas, prioritariamente, subsidiando a contextualização em auxílio à transposição didática necessária para a construção do conhecimento. Como resultado dessa ação, observaram-se não só a valorização e a "descoberta" da disciplina de Arte como parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, mas também uma aproximação entre os professores envolvidos, que favoreceu o desenvolvimento das habilidades a serem contempladas em cada área do conhecimento envolvida. Objetivos plenamente atingidos.

REFERÊNCIAS

AKOSCHKY, J. *Cotidiáfonos*. Instrumentos sonoros realizados com objetos cotidianos. Buenos Aires: Ricordi, 1996.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998. (Artes de fazer, 1).

CUNHA, S. R. *Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância*. 2005. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79457>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

CUNHA, S. R. As imagens na educação infantil: uma abordagem a partir da cultura visual. *Imaginar*, Lisboa, n. 46, p. 4-11, jul. 2006.

CUNHA, S. R. Entre Van Goghs, Monets e desenhos mimeografados: pedagogias em artes na educação infantil. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/grupo_estudos/GE01-3033--Int.pdf>. Acesso em: 16 maio 2015.

MARQUES, F. (Chico dos Bonecos). *Muitas coisas, poucas palavras: a oficina do professor Comênio e a arte de ensinar e aprender*. São Paulo: Peirópolis, 2009.

SCHAFER, M. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.